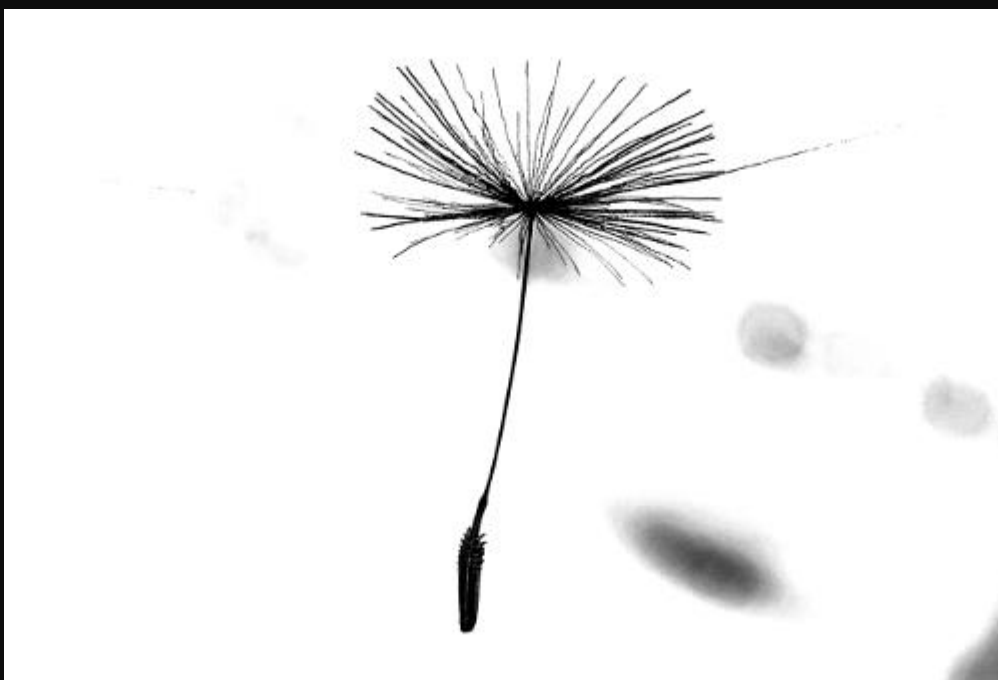


A leiteira e a semente

Um conto de clichés sem fadas



Há muito tempo atrás, o que se traduz na realidade como uma mão cheia de séculos - e implicitamente no tempo do feudalismo algures na Europa medieval.

Por razões desconhecidas, que não são aqui relevantes, a comitiva real passou por uma aldeia no seu trajeto de regresso ao castelo. Tal como ladrões noturnos chegaram ao local sem qualquer aviso, o que por si só gerou o terror nas gentes. Terror este que foi exaltado quando os viram montados nos seus cavalos fortes e muito ornamentados; Mas não eram nada que se comparasse aos ainda mais ornamentados passageiros.

Esta primeira noite foi passada nas melhores condições possíveis, isto é, dadas as circunstâncias possíveis. Não que alguém da comitiva fosse autorizado a admitir que precisava de confortos, porque parte do seu trabalho era a venda da sua autoridade de bravo.

Passada a noite e chegada a manhã, reinava uma fome de divertimento entre alguns dos membros da nobreza. O rei com alguns dos seus homens decidiu ir numa caçada matinal. Levaram consigo os fiéis cães reais, que apesar de não terem sido mencionados anteriormente, também pertenciam à comitiva.

Para trás ficou um dos supostos filhos do rei, e não menos que o descendente-mor. Este varão fora sempre desinteressado em caça, algo que considerava uma demonstração de coragem menor. Para ele nada superava o fervor de uma verdadeira batalha - experiência que nunca tivera e nunca haveria de ter. Contudo era perseguido pelo intenso tédio destas viagens monótonas, que eram passadas de estrada em estrada e de vila em aldeia; Tendo como únicas atrações as ocasionais e ainda mais paradas negociações que lhe eram alheias.

Irrealisticamente, o príncipe, levantou-se relativamente tarde, sendo que esta atitude já foi justificada. Sem qualquer surpresa foi informado do paradeiro do monarca. Estando praticamente só, decidiu dar uma volta pela população.

Nesta manhã nada de novo foi visto e nada de especial aconteceu para ser contado. Era uma simples aldeia de camponeses que se limitavam a camponear e a lidar com as consequências disso: ao nascer do sol trabalhavam e tratavam de se por com o descanso da estrela.

Após a pequena aventura real de arco e flecha, seguiu-se um almoço bem banquetado. Foi no fim desse almoço que concluíram que, como esta viagem já havia sido longa e cansativa, podiam aproveitar e ficar mais um dia. Houve unanimidade na falta de pressa em regressar às calmas do castelo. Talvez o desinteresse nas suas esposas, que lhes foram atribuídas e escolhidas por outros, costumasse pesar nestas decisões.

Durante a tarde el-rei decidiu fazer negociações com os pais de família locais. Negociação conveniente pois permite continuar a dar liberdade ao jovem varão e, a ter em conta, a igual conveniência real no que toca ao aumento de tributos e impostos.

Mas voltando ao príncipe que sempre viveu num aborrecimento contrariado, consequência da educação e da ocupação, sente-se como o único que deseja um rápido regresso palaciano. Sentimento que é muito justificado, diga-se de passagem. Convém notar que é o único presente que vê nos trovadores um pouco de inspiração. Essa gente com habilidade e refinamento musical que muito o ultrapassam, eram geralmente, só adorados pela realeza feminina. Parece haver algo de irresistível na dominação das cordas pré-violinísticas, mas que transmite desconfiança e inveja aqueles que acham que têm de provar a sua masculinidade.

Enquanto cantarolava uma trovadela que ouviu em terras estrangeiras, ele nota uma rapariga que andava ante do mar de trabalhadores e trabalhadoras da lavoura. Entre os poucos campos férteis e a aldeia ela caminha vagarosamente num caminho estreito, e levava consigo dois baldes de água. Uma criatura rara que tinha alguma elegância, dotada de fina pele pouco queimada pelo Sol, duas características que combinavam bem com os cabelos e olhos tipicamente escuros. Tinha de facto distinção, e além daquela que o narrador já lhe deu, a prova disso é a nova vitalidade que o príncipe anónimo sentiu. Este rapaz que viveu rodeado de machos com raras raparigas para serem vistas, soube que havia algo para aproveitar neste interesse momentâneo.

A rapariga era leiteira, ou pelo menos, é o que se tem de assumir com muita segurança quando esvaziou ambos os baldes na pia do gado bovino. Assunção que é acentuada ao reutilizar um deles para mungir uma das vacas mimosas. Timidamente apercebeu-se da realeza boquiaberta que a havia seguido silenciosamente. Diga-se que havia muita falta de tato e prática nestes dois, mas vamos por partes. Primeiro veio a troca de olhares, as boas tardes, a conversa inútil sobre o tempo, e outras coisas previsíveis como perguntas ocas sobre as tarefas muito óbvias de ambos.

Quando a leiteira acabou de mungir a Lactose – que era o nome do milagroso animal que conseguiu por si só encher um balde – o príncipe encontrou coragem para perguntar indiretamente se estavam a sós, isto é, ignorando os outros animais. Descobre que o pai viúvo da rapariga, era um dos ilustres negociadores que se encontrava nesse preciso momento a desesperar com a inflação tributária.

Deixando os detalhes que só são dignos de livros românticos de qualidade duvidosa. Limito-me a dizer que a inacreditavelmente virgem leiteira e o inexperiente príncipe fornicaram. Não há muito a reportar pois

também foi coisa de pouca dura – rapidinha chamar-lhe-ão no futuro. Noto simplesmente que os fardos de palha serviram perfeitamente para a cena de amor. Não havendo vícios de tabaco, nenhum foi fumado, o que também não é muito recomendado no meio da palha. A falta de uma relação mais longa fez com que houvesse pouco em que falar, o que apressou o retorno à pureza santa das vestes. Também se pode dizer que a noite que se avizinhava e o frio que se fazia mais intenso nos corpos suados, ajudaram.

A segunda noite chegou e o plano da comitiva não fora alterado, pelo menos no que tocava à partida; O mesmo não se pode dizer em relação ao que ouviram nessa tarde, com especial destaque aos pertences de um certo patriarca muito gabarolas. Sabiam bem que a ira popular era uma coisa muito mesquinha, e que quando ferve e faz a plebe pegar nas alfaias agrícolas e nas tochas, também faz com que esta perca toda a noção das importantes diferenças de cores sanguíneas.

Sem saber como reagir o filho real sofreu de insônia, estranhamente podia jurar que se havia razão para isso lhe eram alheias. Ainda assim persistia qualquer coisa no ar que lhe revirava os interiores com um formigueiro bastante inquietante, mas para o qual nunca conheceu palavra. Assim passou a sua primeira de muitas noites sem sono, detalhe de que nunca se gabou nas futuras coleções desta experiência aldeã.

O já desconhecido Apolo esforçou os cavalos divinos e trouxe consigo o dia seguinte. Já reabastecidos de tributos diretos e obtidos sem licença, enfiaram-se nos cavalos e começaram a viagem de volta ao lar. A falta de licença ajudou à aceitação da aceleração das tarefas, não fosse haver sangue azul derramado. Deste lugar levaram consigo negociações benéficas e cabeças de caça, pequenos detalhes que fizeram as delícias das senhoras da elite.

Dentro da maior e real carruagem a cara de perplexa preocupação do seu varão foi notada pelo pai. Contudo naqueles tempos ousar perguntar algo sobre marquises destas não era autorizado, seria mais uma coisa a ignorar. Não ignorando a conveniência desta ignorância pois não havia passado três meses e o príncipe já se encontrava casado com uma menina.

A fúria generalizou-se nos aldeões pelas carnes e vinho roubadas nessa madrugada. Não foram roubados uma vez, como já esperavam, mas sim, duas vezes. Ficaria claro nos anos seguintes que seria matéria obrigatória no domínio da matemática por tentativa e erro - instrumento indispensável no racionamento alimentar. Infelizmente a falta de educação não permitiu transmitir uma lição: Quando só uma das partes tem metaforicamente, e literalmente, a faca e o queijo na mão, é difícil conseguirem-se satisfações; Contudo os consensos, esses sim, são atingidos de forma muito rápida e simples. Na realidade a única coisa a ser retida e

passada desta história foi algo similar a: Aqueles filhos da puta da realeza fuderam-nos bem.

Quanto à rapariga leiteira – que é quem realmente interessa – podemos facilmente fazer de conta que viveu feliz para todo o sempre. Claro que, este final feliz, trás como requerimento que não se mencione o facto de ter a árdua tarefa, de criar por si só, a criança da semente real.

© 2013 “A leiteira e a semente” por Helder Salomão.

Enquanto esta obra for partilhada, citada e usada no formato original (em texto) dispensa contacto ao autor e desde que se siga as regras da licença [Creative Commons BY – SA 3.0](#).